

A ciência renascentista deve ao Islã um dos seus modelos de conhecimento. A saber o curioso suposto que a natureza é como um livro, ("natura libellum"). Tal modelo pressupõe que a natureza tem autor, (Deus que tem significado, (metafísica), que é estruturada em linhas, (causalidade), e que há acordo entre autor e leitor da natureza, (fé). Tal último pressuposto merece exame mais detalhado:

O autor de um livro é "escritor" por alinhar determinadas símbolos, (letras, cifras), em forma de escrita, (texto). O significado de tais símbolos deve ter sido aprendido pelo leitor antes da leitura. O "dicionário" propondo tais significados pode estar contido no prefácio do próprio livro. (Certos livros de ensino de russo contêm no prefácio dicionário do alfabeto russo.) Para o Islã o autor da natureza fez precisamente isto: quem quizer lêr a natureza, deve consultar o Alcorã primeiro. Ou: Deus escreveu a natureza, e acrescentou a chave para o deciframento do código da natureza na forma do Alcorã.

A ciência renascentista não pode aceitar esta parte do modelo, porque lhe faltava fé no Alcorã, mas dispunha de "dicionários" comparáveis: a lógica aristotélica e a matemática grega. Por certo: a substituição do Alcorão pela lógica e matemática fez com que os cientista do Renascimento lessem livro diferente do lido pelos muçulmanos: a natureza renascentista estava escrita matematicamente, a muçulmana, (digamos assim), em arabescos. O autor da natureza passou, durante sua mudança da Espanha para Itália, de um Deus que escreve o destino, (maqhtub), para um Deus-matemático, (Newton). Mas a estrutura do modelo continuava a mesma: a natureza continuava livro, e a ciência é mais cordobêsa que bizantina.

Fão que a interpretação do conhecimento fornecido pela ciência, (a "epistemologia"), não tenha mudado durante os séculos: mudou tanto que é difícil entrevêr a epistemologia original, (adequação do intelecto à coisa), por detrás das epistemologias da atualidade. O que não mudou é a praxis do conhecimento científico: continua sendo leitura de livro. Assim: primeiro é aprendido o código da natureza, (matemática, lógica), e depois são decifradas as linhas do texto passo por passo. A ciência deve a sua progressividade, (o fato que vai "descobrir"), à estrutura linear do seu modelo, e a dialéctica entre "teoria" e "observação" à dialéctica entre código e mensagem do seu modelo.

Durante a época que nos separa do renascimento tal modelo foi serdo recalçado. Porque foram abandonados, um após outro, tôdos os seus pressupostos. Fão se supõe mais que a natureza tenha autor, que signifique algo além de si própria, e até a estrutura causal foi duvidada. Mas sem autor, sem significado, e sem estrutura linear, como ainda falar em livro? Por recalçado que esteja, o modelo continua funcionando. A ciência conti

nua decodando matematicamente a natureza.

O curioso fato do livro ser modelo de conhecimento pode ser explicado de várias formas. Por exemplo pela fé judia que Deus se revelou por um texto. Ou pelo fato dos cientistas medievais terem sido letrados, por tanto conhecerem livros melhor que outros objetos. Mas qualquer que seja a explicação, não pode haver dúvida que o livro não pode ser modelo de conhecimento para analfabetos. Nem para quem, como nós, está de certa forma, ultrapassando textos lineares. E possível abordar a crise da ciência a partir da crise atual das letras. Se o livro está em crise, está em crise o livro enquanto modelo de conhecimento.

Para tanto o termo "fé" exige esclarecimento: em que sentido vale dizer que o pressuposto científico de "infra-estrutura matematico-lógica" é artigo de fé comprarável à fé no Alcorã? O homem pode ser concebido e imaginado como "memória": armazem de informações codificadas. Estará ele "no mundo", (conhecerá, sentirá, valorizará e agirá), de acordo com as informações que armazena, (que o "programam"). Memória programada por matemática conhecerá a natureza matematicamente, como a conhecerá alcoranicamente quem estiver programado pelo Alcorã. O que está em crise, atualmente, é o programa, (a fé).

A pergunta que se insinua: "qual a proveniência da fé?" carece de sentido. A comunicação produtora e armazenadora de informações é tecido formado de nós individuais, (memórias tipo "mente" ou "alma"), ligados entre si por canais, (situações culturais), e formando memória coletiva, (sociedade). Dizer que cultura é produto mental é tão falso quanto o é dizer ser a mente produto da cultura. A estrutura que sustenta "mentes" para formarem "sociedade" é o programa da comunicação, de maneira que a fé sustenta as memórias enquanto tais. A fé não provém do homem ou da sociedade: é da fé que provém homem e sociedade.

Tôdo código exige método específico de deciframento. Os códigos lineares exigem deciframento tipo "colar de Pérolas": cálculo, contagem, recontagem. A informação codificada linearmente é curta e conto. Memórias programadas por tal tipo de código têm consciência, valores e ações "históricas": ser para eles é devir, e a vida é busca de aperfeiçoamento progressivo. Este o programa, (fé), do Ocidente, e a ciência é a última manifestação de tal programa. Nela, o programa se esgota. A ciência é manifestação de fé ocidental esgotada.

O esgotamento se manifesta enquanto "objetividade". Trata-se do pressuposto, segundo o qual há conhecimento não-"preconceituado", (isento de valoração prévia do a-ser-conhecido). A objetividade é o último avatar da "meta da história" da fé ocidental: a meta é ir até Deus, (variante judia), até as ideias, (variante grega), até Cristo, (variante cristã), e passa por várias outras até chegar à meta científica de ir rumo à objetividade. A leitura de textos é "superação de obstáculos", (do "mun

do", das "aparências", do "pecado" etc.), e na variante científica e ela
superação de preconceitos subjetivos e de ideologias. A ciência, como o
é toda manifestação do programa ocidental, é "salvadora": salva pelo co-
nhecimento objetivo.

No entanto: no último estágio da ciência tal meta se inverte. De
duas maneiras, uma prática, a outra especulativa. Especulativamente es-
tá se tornando óbvio que a objetividade é impossível e indesejável. Im-
possível por não poder haver conhecimento sem valoração prévia; só se co-
nhece o que interessa. Indesejável por resultar todo esforço de suspen-
der juízo em atitude artificial, (desonesta). Mas é a prática da objeti-
vidade, (médicos operando em campos de concentração, físicos nucleares a
serviço de exércitos, tecnocratas a serviço de tirranias), que demonstra
o que é "ciência pura": fé artificialmente mantida, portanto má fé. Em
suma: ao se revelar a objetividade como sendo, ela própria, ideologia, o
próprio programa que sustenta a ciência, (e o qual é a fé ocidental), se
revela. A ciência foi até o fundo de tal programa, revelou o fundo, e
destarte esgotou-o-

Não que a nossa crise atual fosse exclusivamente a perda de fé
na ciência: o programa do nosso mundo codificado, e das nossas mentes, es-
tá desmoronando em todos os cantos. Não é esta ou aquela manifestação da
fé ocidental que está cambaleando: é a própria existência histórica, li-
near, conceitual, progressiva, dramática, que está se despedaçando. Mas
inegavelmente a crise da ciência revela nossa situação com luz penetrante.
As últimas gerações eram programadas para ter fé na ciência, como as gera-
ções medievais para ter fé na Igreja. E ainda agora os enunciados cientí-
ficos são tidos por nós "válidos para todos, em toda parte e sempre", (ca-
tólicos), embora saibamos serem eles codificados por determinado convênio,
determinada cultura, e válidos apenas para os que participam de tal convê-
nio, (aprenderam a decifrá-lo).

Nós, os que caímos até o fundo do programa ocidental, e portanto
já o vemos de certa forma de fora, ("estruturalmente"), podemos ver a nos-
sa própria ciência em "contexto". Enquanto um dos pontos de vista possí-
veis sobre o "mundo". A ciência está num ponto de onde se vê o murdo ma-
tematicamente, o Islã em outro ponto, e a magia dos Índios Kra em mais
outro ponto. Não há sentido em querer distinguir entre pontos de vista
"mais ou menos falsos", ou "mais ou menos funcionais". Quem está progra-
mado para a ciência, só pode admitir verdades científicas, e só pode valo-
rar técnicas provindas dela. Quem está programada para a magia, só pode
admitir verdades míticas, e só pode valorar ritos. Não há portanto nenhum
mistério no fato da "natureza comportar-se matematicamente", nem no fato da
"ciência funcionar tecnicamente": tudo isto está no nosso programa, mas não
no programa dos índios Kra, nem necessariamente no dos nossos filhos.

Mas há outro aspecto que vemos igualmente; todo ponto de vista permite vêr todos os outros: eu posso explicar cientificamente a magia e o Islã, o mágico pode agir ritualmente sobre a mentalidade e os produtos da ciência, e o muçulmano pode amaldiçoar a ciência enquanto pecado. Tendo caído fôra da nossa "fé", vemos a equivalência de todos os pontos de vista possíveis. Não no sentido dos ateus do século 18: todos os pontos de vista estão errados, ("subjetivos"), a verdade não existe, portanto sejamos "tolerantes". Mas no sentido de: todo ponto de vista tem sua verdade, seu valor, sua experiência do mundo, e todo ponto de vista engloba todos os outros. A perda de fé na ciência não implica ceticismo: a ciência está errada. A perda de fé na ciência, (que é perda de fé ocidental tout court), é bem mais radical e implica que os enunciados científicos são perfeitamente válidos de determinado ponto de vista, como são inteiramente nonsensicos de outro ponto de vista, (por exemplo o da análise simbólica de enunciados). Em suma: não implica ser o livro modelo de conhecimento "errado", mas precisamente ser entre os modelos possíveis.

Não temos, ainda, e talvez jamais teremos, programa para substituir o que estamos perdendo. Mas a visão acima esboçada pode servir de modelo provisório, (e de fato assim está servindo em vários campos): vi ver é mudar de pontos de vista. Porque pontos de vista não "revelam" algo: projetam. E porque nós somos algo, (um "eu"), apenas se e quando as sumimos um (qualquer) ponto de vista. Pontos de vista "realizam" mentes e mundos: o ponto de vista científica "realisa" o universo da ciência e o homem ocidental moderno. Viver, em tal abismo de falta de programa, é pois saltar de mundo para mundo afim de ser mais. Mas isto, em si, não esgota o modelo. Pontos de vista se consolidam, quanto maior o número dos que o ocupam. O ponto de vista científico é sólido, porque compartilhado por muitos, e o ponto de vista teosófico menos sólido, por ter poucos ocupantes. A verdade, o valor, a experiência, e a ação são vistos como função do número dos participantes. Portanto: o salto de ponto de vista para ponto de vista é busca dos outros. É "intersubjetividade".

O que acaba de se r ditonão é, por certo, programa. Mas é outra maneira de "lêr" o mundo e a vida nele, maneira de "lêr", a qual, embora tendo perdido fé na leitura científica, a engloba.